



Efeitos de um sonho interrompido
Luigi Pirandello
(Tradução de Francisco Degani – USP)

Moro em uma velha casa que parece um bricabraque. Uma casa que, sabe-se lá por quantos anos, juntou poeira.

A perpétua penumbra que a oprime possui a severidade das igrejas e ali paira o cheiro de velhice e decadência dos decrépitos móveis de vários estilos que a entulham e das muitas tapeçarias que a paramentam, valiosas, puídas e descoloridas, estendidas e dependuradas por todos os cantos, sob a forma de cobertas, cortinas e cortinados. Eu contribuo para aquele mau cheiro, tanto quanto posso, com a pestilência do meu cachimbo manchado de tártaro, fumando o dia inteiro. Somente quando chego de fora percebo que em minha casa não se respira. Mas para alguém que vive como eu... Basta, deixemos isto de lado.

O quarto de dormir tem uma espécie de alcova sobre um estrado com dois degraus baixos; o sótão fica por cima com a arquitrave sustentada por duas pesadas colunas centrais. Aqui também há cortinados, para esconder a cama, correndo em trilhos de latão por trás das colunas. A outra metade do quarto funciona como escritório. Entre as colunas há um velho divã, na verdade muito

confortável, com várias almofadas amontoadas e, em frente, uma mesa maciça que serve de escrivaninha; à esquerda, uma grande lareira que nunca acendo; na parede em frente, entre duas janelinhas, uma antiga estante com cadáveres de livros encadernados em pergaminho amarelecido. Acima do aparador de mármore enegrecido da lareira está pendurado um quadro seiscentista, meio enfumaçado, que representa a MADALENA PENITENTE, não sei se cópia ou original, mas mesmo que seja cópia, possui um certo valor. A figura, em tamanho natural, está deitada de bruços em uma gruta; um braço apoiado no cotovelo sustenta a cabeça; os olhos baixos lêem atentamente um livro à luz de uma lanterna pousada no chão junto a uma caveira. Sem dúvida, o rosto, o magnífico volume dos fulvos cabelos soltos, um ombro e o seio descobertos, ao quente clarão da lanterna, são belíssimos.

A casa é minha e não é minha. Pertence com tudo o que tem dentro a um amigo meu que há três anos, indo para a América, a deixou como garantia de uma grande dívida que tem comigo. Este amigo, vejam bem, nunca mais foi visto e nem, por mais perguntas e buscas que tenha feito, consegui ter notícias dele. O certo é que ainda não posso dispor, para reaver o que é meu, nem da casa, nem daquilo que está lá dentro.

Pois bem, um antiquário que conheço namora aquela MADALENA PENITENTE e outro dia trouxe à minha casa um senhor de outra cidade para vê-la.

O senhor, lá pelos quarenta, alto, magro, calvo, trajava um luto fechadíssimo, como ainda se usa no interior. De luto, inclusive a camisa. Também trazia impressa no rosto descarnado a desventura de quem sofrera um golpe recente. Vendo o quadro alterou-se por completo e rapidamente cobriu os olhos com as mãos, enquanto o antiquário lhe perguntava com estranha satisfação:

– Não é verdade? Não é verdade?

Ele, várias vezes, com o rosto ainda entre as mãos, fez-lhe sinal que sim. Sobre o crânio calvo as veias inchadas pareciam querer estourar. Tirou do bolso um lenço listrado de negro e o levou aos olhos para estancar as lágrimas que brotavam. Vi seu abdômen sacudir por muito tempo enquanto as copiosas lágrimas escorriam aos jatos sobre o nariz.

Tudo – meridionalmente – muito exagerado.

Mas talvez também sincero.

O antiquário quis explicar-me que conhecia a esposa daquele senhor desde menina, que eram da mesma cidade: – Posso lhe assegurar que ela era a própria imagem desta MADALENA. Lembrei-me disso ontem quando meu amigo veio dizer-me que ela havia morrido, tão jovem, há apenas um mês. O senhor se lembra que vim há pouco tempo ver este quadro.

– Lembro-me, mas eu...

– Sim, disse-me então que não poderia vendê-lo.

– Continuo não podendo.

Senti meu braço ser agarrado por aquele senhor, que quase se atirou chorando sobre meu peito, suplicando que lhe cedesse o quadro a qualquer preço: era ela, sua mulher, sem tirar nem pôr, ela mesmo – inteira – como somente ele, ele, ele marido, podia tê-la visto na intimidade (e, assim dizendo, aludia claramente à nudez do seio), não podia mais, portanto, deixá-la ali, diante dos meus olhos, eu precisava entender, agora que sabia.

Eu o olhava, aturdido e consternado, como se olha um louco, não me parecendo possível que dissesse seriamente uma coisa dessas, que pudesse imaginar seriamente que aquilo que para mim não era mais que um quadro, sobre o qual nunca tivera qualquer pensamento, pudesse agora tornar-se o retrato de sua mulher com o peito à mostra, como somente ele podia tê-la visto na intimidade e, portanto, num estado em que não poderia ser deixada diante dos olhos de um estranho.

O insólito de tal pretensão provocou-me um ataque involuntário de riso.

– Mas não, veja, caro senhor: eu não conheci sua mulher; não posso de forma alguma associar a este quadro o pensamento que o senhor supõe. Eu vejo ali um quadro com uma imagem que... sim, mostra...

Melhor não tivesse dito nada! Pulou na minha frente, quase me agredindo, gritando:

– Eu o proíbo de olhá-la, assim, na minha presença!

Por sorte o antiquário intrometeu-se, pedindo-me desculpas, pedindo compaixão para aquele pobre insensato, que sempre fora louco de ciúmes pela mulher, amada até o fim com um amor quase doentio. Então voltou-se para

ele e suplicou que se acalmasse: que era bobagem falar-me assim, querer obrigá-me a ceder o quadro em função de coisas tão íntimas. Ousava inclusive proibir-me de olhá-lo? Havia enlouquecido? E levou-o embora, novamente pedindo desculpas pela cena que não esperava me fazer assistir.

Fiquei de tal forma impressionado que à noite sonhei com aquilo.

O sonho, para ser mais preciso, deve ter acontecido nas primeiras horas da manhã e no exato momento em que uma barulheira repentina em frente à porta do quarto, uma briga de gatos que entram em minha casa não sei de onde, talvez atraídos pelos muitos ratos que a invadiram, acordou-me bruscamente.

O efeito do sonho interrompido tão repentinamente fez com que seus fantasmas, refiro-me àquele senhor enlutado e à imagem da MADALENA, agora sua mulher, talvez não tenham tido tempo de voltar para dentro de mim e ficaram de fora, na parte do quarto além das colunas, onde eu os via no sonho; de modo que quando pulei da cama com o barulho, e com um gesto brusco afastei o cortinado, pude entrever confusamente um emaranhado de carnes e panos vermelhos e azuis subirem no aparador da lareira para se recompor no quadro num lampejo; e sobre o divã, entre aquelas almofadas descompostas, ele, aquele senhor, no movimento de, deitado, levantar-se para sentar, não mais vestido de negro mas com um pijama de seda azul celeste com listrinhas brancas e marinho, que à luz cada vez mais intensa das duas janelinhas ia dissolvendo-se na forma e nas cores das almofadas e desaparecia.

Não pretendo explicar o que não se explica. Ninguém nunca conseguiu penetrar o mistério dos sonhos. O fato é que, erguendo os olhos, transtornadíssimo, olhando o quadro sobre o aparador da lareira, vi, vi claramente por um instante os olhos da MADALENA ganharem vida, levantarem as pálpebras da leitura e me lançarem um olhar intenso, risonho de terna e diabólica malícia. Talvez fossem os olhos da mulher morta daquele senhor, com os quais sonhara, que por um instante se animaram nos da imagem pintada.

Não consegui mais ficar em casa. Não sei como fiz para me vestir. De quando em quando, com um horror que vocês bem podem imaginar, me voltava para olhar furtivamente aqueles olhos. Encontrava-os sempre baixos

e atentos à leitura, como estão no quadro; mas eu não estava mais seguro de que, quando não os olhasse, não se reavivassem às minhas costas para me observar, ainda com aquele sorriso de terna e diabólica malícia.

Precipitei-me à loja do antiquário, que é próxima à minha casa. Disse-lhe que, se não podia vender o quadro a seu amigo, podia ceder-lhe a casa em aluguel com tudo o que tinha dentro, inclusive o quadro, é claro, a um preço muito conveniente.

– Hoje mesmo, se seu amigo quiser.

Havia, naquela minha proposta à queima-roupa, tanta ansiedade e tanta urgência que o antiquário quis saber o motivo. O motivo, envergonhei-me de contar. Pedi que me acompanhasse naquele instante ao hotel em que seu amigo se hospedava.

Imaginem como fiquei quando, em um dos quartos do hotel, eu o vi adiantar-se, recém-saído da cama, com aquele mesmo pijama de listrinhas brancas e azuis com o qual o vira em sonho e o surpreendera, feito sombra, no meu quarto, na hora em que se levantava para sentar-se no divã entre as almofadas descompostas.

– O senhor está chegando da minha casa – gritei-lhe, empalidecendo – o senhor esteve esta noite em minha casa!

Eu o vi desmoronar sobre uma cadeira, aterrorizado, balbuciando que: oh Deus, sim, tinha estado mesmo na minha casa, em sonho, e que sua mulher...

– Exatamente, exatamente, sua esposa desceu do quadro. Eu a vi voltando para lá. E o senhor, à luz do dia, desapareceu do divã. O senhor deve admitir que eu não poderia saber, quando o surpreendi no divã, que o senhor tivesse um pijama como este que está vestindo. Então era mesmo o senhor, em sonho, na minha casa; e sua mulher desceu mesmo do quadro, como o senhor sonhou. Explique-se o fato como quiser. O encontro, talvez, do meu sonho com o seu. Não sei. Mas não posso mais ficar naquela casa, com o senhor que aparece lá em sonho e sua mulher que abre e fecha os olhos no quadro. O motivo pelo qual eu tenho medo o senhor não pode ter, porque se trata de si mesmo e de sua esposa. Vá portanto reaver a imagem deixada na minha casa! O que está fazendo? Não quer mais? Vai desmaiar?

– Alucinações, senhores, alucinações! – não parava de exclamar o antiquário.

Como são ingênuos estes homens descrentes que, diante de um fato que não se explica, logo encontram uma palavra que não diz nada e na qual tão facilmente se refugiam.

– Alucinações.